
Literatura infantojuvenil indígena

Sheila Sicsú Cardoso

Instituto Federal de Educação, Ciência Tecnologia do Amazonas (Brasil)

Lúcia Helena Pinheiro Martins

Ayrton Luiz Urizzi Martins

Universidade Federal do Amazonas (Brasil)

Resumo

O trabalho analisa as interações entre a literatura infantojuvenil indígena e o ensino das ciências ambientais, destacando a relevância da leitura literária no processo de ensino e aprendizagem, a partir da perspectiva da construção de diálogos interculturais. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada no método de análise de conteúdo e análise ecocrítica. Os resultados evidenciaram as inter-relações entre as narrativas indígenas e os temas ambientais – cultura, biodiversidade, lugares, agricultura, conservação, mitos e lendas – reforçando a importância da leitura literária em sala de aula, articulada aos saberes indígenas e às ciências ambientais. A literatura infantojuvenil indígena, quando analisada à luz da ecocrítica, demonstrou ser um recurso valioso nas reflexões ambientais em sala de aula. Ela pode ser inspiradora aos educandos, despertando-os para novas formas de convivência com a humanidade que valorize posturas mais éticas em relação à diversidade de mundos e de saberes.

Palavras-chave: Leitura literária. Saberes indígenas. Ciências ambientais. Diálogos interculturais.

Indigenous children's and youth literature

Abstract

This study examines the interactions between Indigenous children's and youth literature and the teaching of environmental sciences, emphasizing the relevance of literary reading in the teaching and learning process from the perspective of building intercultural dialogues. This is a qualitative study, based on content

and ecocritical analysis. The results showed the interrelationships between Indigenous narratives and environmental themes – culture, biodiversity, places, agriculture, conservation, myths, and legends – reinforcing the importance of literary reading in the classroom, integrated with Indigenous knowledge and environmental sciences. Indigenous children's and youth literature, when analyzed in the light of ecocriticism, proved to be a valuable resource for environmental reflections in the classroom. It can inspire students, awakening them to new ways of coexisting with humanity that value more ethical attitudes towards the diversity of worlds and knowledge.

Keywords: Literary reading. Indigenous knowledge. Environmental sciences. Intercultural dialogues.

Literatura infantil y juvenil indígena

Resumen

2

El trabajo analiza las interacciones entre la literatura infantil y juvenil indígena y la enseñanza de las ciencias ambientales, destacando la relevancia de la lectura literaria en el proceso de enseñanza y aprendizaje desde la perspectiva de la construcción de diálogos interculturales. Se trata de una investigación de naturaleza cualitativa, basada en el método de análisis de contenido y análisis ecocrítico. Los resultados evidenciaron las interrelaciones entre las narrativas indígenas y los temas ambientales – cultura, biodiversidad, lugares, agricultura, conservación, mitos y leyendas –, reforzando la importancia de la lectura literaria en el aula, articulada con los saberes indígenas y las ciencias ambientales. La literatura infantil y juvenil indígena, cuando se analiza a la luz de la ecocrítica, ha demostrado ser un recurso valioso en las reflexiones ambientales en el aula. Puede ser inspiradora para los alumnos, despertándolos a nuevas formas de convivencia con la humanidad que valoran posturas más éticas en relación con la diversidad de mundos y conocimientos.

Palabras clave: Lectura literaria. Saberes indígenas. Ciencias ambientales. Diálogos interculturales.

Introdução

A prática de leitura literária de variados gêneros textuais proporciona um conjunto amplo de conhecimentos, promove o contato com diferentes culturas e contribui para atitudes de respeito e empatia com a diversidade e a diferença. Souza, Barros e Matos (2020) consideram essencial a presença do texto literário no processo de ensino-aprendizagem, podendo ser utilizado interdisciplinarmente nas diversas áreas do conhecimento como ferramenta que coopera para a formação geral dos indivíduos, pois auxilia no desenvolvimento do senso crítico e na ampliação das informações adquiridas, proporcionando novas e enriquecedoras experiências.

A partir de ponderações sobre a atual crise ambiental pela qual passamos, surgiu a proposta de analisar narrativas da literatura infantojuvenil indígena, considerando a importância da leitura literária e dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acerca da fruição e valorização das diversas manifestações artísticas e culturais brasileiras no ambiente escolar (Brasil, 2018).

Por dialogar com variadas expressões, o texto literário promove práticas pedagógicas igualitárias (Freire, 2019) que ultrapassam o campo da ciência e do ensino e incluem os demais tipos de conhecimentos e saberes (Leff, 2011). Porquanto, está presente nas diferentes culturas, com produções textuais diversas, orais ou escritas (Candido, 2023).

Contudo, quando nós, educadores da área de língua portuguesa e literatura, procuramos bibliografias literárias que atendam à necessidade de abordagem sobre a diversidade cultural brasileira, temos dificuldade em encontrar esse tipo de material no contexto escolar, principalmente quando queremos tratar de temas relacionados à nossa cultura e à nossa região específica.

Ao contrário do que se pensa, bibliografia dessa natureza existe, trata-se da literatura indígena, em particular a *literatura infantojuvenil indígena*, escrita por integrantes dos povos originários, de diversas etnias brasileiras, cujos textos destinam-se ao público *infantojuvenil* (Lajolo, 2021). É sob esse olhar, que inserir no espaço escolar as narrativas indígenas pode levar ao reconhecimento da realidade intercultural crítica, combatendo visões

negativas impostas a esses povos desde a colonização, para que as crianças aprendam, desde cedo, sobre a diversidade do mundo (Dorrigo, 2021; Ramos; Nogueira; Franco, 2020).

Apresentar a diversidade cultural e étnica do Brasil desde a infância, além de suas especificidades literárias, é uma contribuição para o reconhecimento das várias populações indígenas, divididas em 305 etnias brasileiras, com aproximadamente 63 destas localizadas, principalmente, no estado do Amazonas (ISA, 2023).

A literatura de autoria indígena possui temas diversos nas produções individuais e coletivas como ancestralidade, memória e tradição (Dorrigo, 2018). Os textos indígenas também são ancorados por temáticas ambientais, tratadas implicitamente, e destacam-se pela demonstração das interações dos povos originários com o ambiente onde vivem. Nesse sentido, a forma original e contextualizada que essas produções literárias estruturam os conteúdos pode contribuir para desencadear no público infantojuvenil a tão necessária reflexão intercultural crítica sobre o comportamento atual da sociedade frente às transformações no planeta.

4

Portanto, o objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as interações das narrativas da literatura infantojuvenil indígena com o ensino das ciências ambientais na perspectiva da construção de diálogos interculturais.

Procedimentos metodológicos

No desenvolvimento da pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, fundamentada na concepção do educador como um sujeito reflexivo e na valorização de uma prática profissional contextualizada, crítica e transformadora. Nessa perspectiva, privilegia-se a construção de sentidos entre os sujeitos envolvidos em determinado contexto de atividade social — nesse caso, educadores e educandos vivenciando práticas de construção de diálogos interculturais a partir da *literatura infantojuvenil indígena* associada interdisciplinarmente ao saber ambiental. Portanto, é no sentido da interculturalidade crítica que ancoramos essa pesquisa, por representar os povos que sofreram com o processo de colonização, de inferiorização, de dominação e que aspiram e exigem o reconhecimento e a valorização da cultura de cada povo originário (Ramos, Nogueira; Franco, 2020).

Dessa forma, o estudo relacionou-se diretamente às narrativas infantojuvenis indígenas por meio do método análise de conteúdo, fundamentado em Bardin (2015) e Franco (2018), na identificação das inter-relações dessas narrativas com as ciências ambientais, recorrendo também à ecocrítica para examinar as interconexões de saberes e a atribuição de significados entre literatura e ambiente.

Pela análise ecocrítica, procuramos verificar a importância e o espaço dado a temas ambientais nos textos indígenas, visto que, a ecocrítica estuda, por meio de aspectos culturais da língua e da literatura (Gloffely, 1996), a forma como diferentes culturas humanas interagem com a natureza (Mendes, 2020). Mais ainda, a ecocrítica surge como uma orientação para colocar a literatura e a cultura entre as atividades humanas capazes de visibilizar, complexizar e encontrar caminhos para enfrentar as injustiças ambientais que ocorrem no mundo nas mais diversas escalas, frequências e intensidades (Brugioni; Melo, 2025).

A análise ecocrítica foi associada aos fundamentos da biologia da conservação, em busca de reflexões críticas para as crescentes ameaças que a diversidade biológica enfrenta, provocadas por atividades humanas que transformam as paisagens e degradam o ambiente (Trombulak; Omland, Robison; Lusk; Fleischne; Brown; Domroese, 2004).

Para tanto, selecionamos nove livros de literatura infantojuvenil indígena para a constituição do *corpus* da análise. O primeiro critério para escolha das obras baseou-se na seleção de nomes de autores indígenas que se destacam nesse tipo de produção, por meio de pesquisas na internet, em sites que tratam de literatura indígena.

A idade indicada para leitura das obras foi outro critério de seleção, assim como a verificação do termo "infantojuvenil". Definimos os seguintes livros: *Kunumi guarani* (Werá Jeguaka Mirim); *Olho d'água: o caminho dos sonhos* (Roni Wasiry Guará); *Contos da floresta* (Yaguarê Yamã); *Fabulosas fábulas de lavareté* (Kaka Werá Jecupé); *Nós uma antologia de literatura indígena* (Organização Maurício Negro/narrativas de vários autores indígenas); *A cura da Terra* (Eliana Potiguará); *A origem da constelação da garça* (Jaime Diakara); *Um curumim uma canoa* (Yaguarê Yamã) e; *Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena* (Olívio Jekupé).

O material do estudo reuniu obras de dezoito autores indígenas, de diferentes regiões do Brasil, escritas em língua portuguesa, com inclusão de termos das línguas maternas, além de glossários e informações complementares.

Realizamos a pré-análise das obras, por meio da *leitura fluante* (Franco, 2018), para a aquisição das primeiras informações e impressões. Em seguida, passamos à *escolha dos materiais* recorrendo às regras de seleção propostas por Bardin (2015). A *formulação da hipótese e do objetivo* pautou-se na ideia de uma conexão das narrativas com o ambiente favorável ao objetivo do ensino interdisciplinar das ciências ambientais.

Na *referenciação dos índices* e na *elaboração dos indicadores*, consideramos a importância e o respeito à floresta como elementos centrais da análise. A recorrência desses temas serviu de base para a identificação e a interpretação das demais temáticas.

O material foi tratado, organizado e reunido em unidades para verificação da pertinência e associação dos conteúdos com as ciências ambientais, mediante as mensagens dos textos, analisadas tanto em seus conteúdos explícitos quanto implícitos. Para tal, utilizamos recortes para estabelecer os elementos que seriam levados em conta na seleção das unidades de análise, divididas em unidades de registro e contexto. Na pesquisa, utilizamos o *tema* como unidade de registro, por proporcionar maior possibilidade de investigação em diferenciados elementos, tanto objetivos quanto subjetivos (Bardin, 2015).

6

Resultados e discussão

As obras pesquisadas foram formadas por gêneros literários como fábulas, diários, mitos, lendas, contos e recontos. É importante ressaltar que os textos indígenas possuem características particulares. Como observa Santos (2022), são produções estéticas com gêneros híbridos, conduzidos pela memória, tradição e ancestralidade, características próprias aos indígenas, com valores e percepções que expressam a oralidade e suas marcas. Para cada um dos livros, foi realizado o mesmo procedimento, chegando-se a seis unidades de registro (quadro 1).

Quadro 1 – Composição das unidades de registro. Organização dos temas em relação à sua presença nos livros selecionados. Lábrea, Amazonas

Presença nos livros	Temas					
	Cult.	Biod.	Luga	Agri	Cons	Mile
A cura da Terra	x	x	x	x	x	x
Contos da floresta	x	x	x	x	x	x
Fabulosas fábulas de laureté	x	x	x	x	x	x
Kunumi guarani	x	x	x	x		x
Nós uma antologia de literatura indígena	x	x	x	x	x	x
Olho d'água: o caminho dos sonhos	x	x	x	x	x	x
Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena	x	x	x	x	x	x
Um curumim, uma canoa	x	x	x	x		x
Yahi Puíro Ki'ti: A origem da constelação da garça	x	x	x	x	x	x

Cult.: cultura; Biod.: biodiversidade; Luga: lugares; Agri: agricultura; Cons: conservação; Mile.: mitos e lendas.

Fonte: dados do estudo.

7

Considerando a vasta biodiversidade e sociodiversidade com expressiva presença de populações originárias no Brasil, as temáticas identificadas nos livros representam um território de grande interesse para discussões ecológicas. Encontramos uma frequência constante dos temas cultura, biodiversidade, lugares, agricultura, mitos e lendas, nos nove livros. Já o tema conservação só não foi mencionado em dois livros, *Kunumi Guarani* e *Um Curumim, uma canoa*.

Após essa etapa, passamos para a composição das unidades de contexto, objetivando à compreensão dos significados das unidades de registro.

Os significados das unidades de contexto foram estabelecidos mediante atribuição de sentidos às unidades de registro com base na interpretação dos parágrafos selecionados, nos conteúdos explícitos e implícitos e demais elementos que compõem as textualidades indígenas, incluindo as ilustrações, que oferecem variadas informações às narrativas (quadro 2).

Foram identificados os significados das unidades estabelecidas, conforme a interpretação dos contextos em que estão inseridos, não sendo o propósito desse detalhamento o aprofundamento nos conceitos abordados e, sim, a análise da relação entre as práticas ambientais indígenas encontradas nas narrativas e as ciências ambientais.

Quadro 2 – Unidades de contexto identificadas, relacionadas às unidades de registro. Lábrea, Amazonas

Nº	Unidades de Registro	Unidades de Contexto
1	Cultura	Tradições, identidade, costumes, crenças, rituais e modos de vida.
2	Biodiversidade	Diversidade ecossistêmica, específica e genética.
3	Lugares	Unidades de paisagens: igarapé, rio, lago, praia, mata, cachoeira, nascente.
4	Agricultura	Agricultura familiar e agricultura familiar indígena.
5	Conservação	Manejo, uso, sustentabilidade e práticas de conservação.
6	Mitos e lendas	Explicações para fenômenos, explicações pelos mitos de origens, explicações de mundo (cosmos).

8

Fonte: dados do estudo.

As tradições, identidades, costumes, crenças, ritos e modos de vida estão presentes em todos os livros analisados, mostrando a riqueza cultural das populações indígenas do Brasil. Dorrico (2018) esclarece que o autor indígena produz e publica uma literatura que tem como essência a cultura tradicional, contrapondo-se a visões e valores europeus para que se desfaçam ideias negativas sobre seus povos.

As narrativas tiram da invisibilidade as populações originárias do Brasil e suas culturas e os autores apresentam aspectos de suas etnias. Assim, inferimos que, além da visibilidade que pretendem dar aos seus povos, também objetivam que os não indígenas entendam as diferenças entre os muitos povos que dão vida às histórias.

Dessa maneira, a literatura infantojuvenil indígena pretende comunicar-se com os diversos grupos étnico-culturais que compõem a população brasileira, promovendo a interculturalidade, a igualdade e o respeito à

identidade do outro, estimulando oportunidades de conhecer e aprender sobre o diferente (Candau, 2012).

Consequentemente, as diferentes culturas dos povos indígenas compõem o cerne das narrativas, tal como mostra o trecho de Guará (2012, p. 13): "Muitas luas atrás, o povo Maraguá estava em festa, todos na aldeia comemoravam a grande fartura na agricultura e na pesca". Esse trecho, assim como tantos outros, mostra que cada etnia indígena tem seus próprios costumes, tradições, modos de vida, dentre outras características.

Além disso, por meio de suas culturas, os indígenas empregam a criatividade na interação com a natureza, utilizando com respeito e zelo os bens comuns. Essa forma de perceber e interagir com o ambiente é vista não apenas nas linhas escritas, mas também nas ilustrações (figura 1).

Na cultura dos Kamaiurá, os indígenas fazem uma celebração grandiosa em homenagem à onça e, enquanto a comunidade festeja, ela os observa de cima. A onça não é apresentada como uma ameaça, mas, sim, como pertencente aos saberes ancestrais que estruturam a vida coletiva. Assim, vocábulos, sentenças, escritos e desenhos conectam-se para criar um todo que representa a cultura de cada grupo étnico indígena.

A diversidade biológica ou biodiversidade é a variedade de organismos vivos, de *habitats*, de ecossistemas e dos conhecimentos tradicionais associados (Trombulak; Omland, Robison; Lusk; Fleischne; Brown; Domroese, 2004). Nas narrativas indígenas, é frequente a presença de plantas, animais, floresta, terra, rio e diferentes componentes ecossistêmicos, o que evidencia o valor da biodiversidade para essas populações.

Figura 1 – Ilustração retirada do livro *Fabulosas fábulas de Iauareté*

Fonte: Jecupé (2007, p. 25).

10

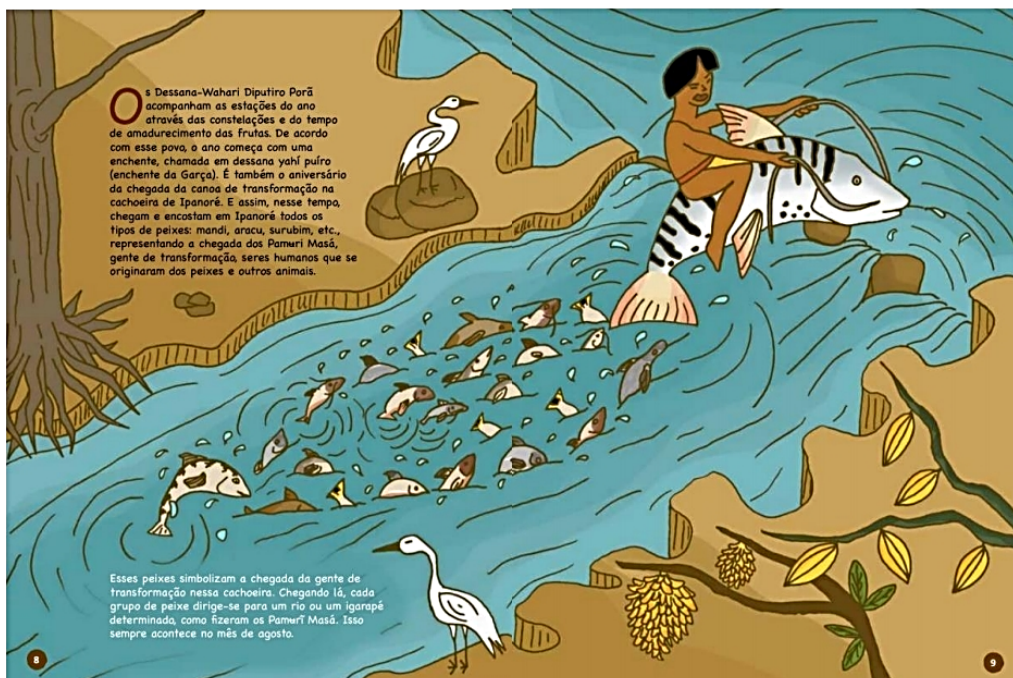
Em Mirim (2014, p. 11), por exemplo, encontramos o trecho "tem muitos pássaros, muitas árvores e uma bela represa para nos refrescarmos em dias quentes". O personagem Kunumi, ao apresentar sua aldeia, faz questão de apresentar a diversidade biológica que há nela, assim como a qualidade do espaço em que vive. Essa biodiversidade está representada principalmente nas ilustrações. A figura 2, mostra os entes que compõem a biodiversidade: os peixes, as aves, as frutas, as árvores, o rio, as pedras e o próprio indígena, todos característicos do lugar onde vivem.

Para o povo Dessana-Wahari Diputiro Porã, o ano inicia com uma enchente, descrita em Dessana yahí puíro como enchente da garça. Durante esse período, chegam e encostam em Ipanoré todos os tipos de peixes: mandi, aracu, surubim etc. (Diakara, 2011).

No livro *Yahi Puíro Kí'ti: A origem da constelação da garça*, Diakara (2011) descreve cenas da vida cotidiana desse grupo étnico, suas relações com a natureza e suas crenças. Desse modo, a biodiversidade não se restringe a componentes e fenômenos da natureza, é também composição

cultural e social (Diegues; Arruda; Silva; Figols; Andrade, 2000). Portanto, a valorização dos ecossistemas, das espécies, de cada ser ou componente, confirma a importância da biodiversidade para os povos indígenas.

**Figura 2 – Ilustração retirada do livro Yahi Puíro
Ki'ti: A origem da constelação da garça**



Fonte: Diakara (2011, p. 6-7).

As unidades de paisagens emergem da interação dessas populações com o ambiente nas narrativas indígenas. É constante nos textos e nas ilustrações o destaque a igarapés, rios, lagos, praia, mata, cachoeira, nascente, represa e demais componentes paisagísticos.

Para esses povos, a interação com o ambiente não se limita à moradia, representa mais que espaços ou lugares, o que se alinha com a afirmação de Balée (2008, p. 11), "[...] paisagem são encontros de pessoas e lugares cujas histórias estão impressas na matéria, incluindo matérias vivas".

Nas narrativas, averiguamos o conceito supramencionado, como em *Fabulosas fábulas de Iauareté*, de Jecupé (2007, p. 12), "[...] no alto da floresta, tinha uma vista linda e boa para observar toda a mata e seus movimentos". A descrição da composição paisagística leva a diferentes ordens sensoriais, o que confirma a ideia de que paisagens não dizem respeito apenas ao domínio do que se vê. Como bem destaca Santos (2022), paisagem é tudo que percebemos, com volumes, formas, cores, movimentos e cheiros.

Para os indígenas, paisagem é vivência, simboliza o coletivo, o psicológico e o sensorial. Tais características demonstram os laços afetivos que os povos originários têm com o ambiente e os significados e sentidos que atribuem ao lugar que habitam. A riqueza e o detalhe com que descrevem, ilustram e diferenciam os cenários das produções literárias, expressam o conteúdo topofílico das narrativas, no sentido próprio de topofilia delineado por Yi-Fu Tuan, geógrafo e escritor sino-estadunidense (1930 – 2022). Portanto, são lugares onde se desenvolvem os processos sociais de afirmação e reafirmação de valores, gostos, objetivos e significados (Tuan, 2013).

12 A percepção integrada do espaço e das formas de organização da produção no lugar onde vivem, também apresenta seus contornos nas narrativas indígenas. Contornos esses, constituídos por uma agricultura de caráter familiar em que o processo produtivo está sob a responsabilidade da família como um todo (Wanderley, 2011). Uma agricultura que pode ser desenvolvida por diferentes sociedades, como as tradicionais, constituídas por grupos culturais distintos, que mantêm historicamente seus modos de vida, utilizando os bens comuns por meio do manejo (Diegues; Arruda; Silva; Figols; Andrade, 2000).

Nesse sentido, a agricultura familiar indígena é diversificada, cada integrante do povo tem suas atribuições e funções, uma prática essencial para a sobrevivência desses povos. Essas práticas estão relacionadas ao cultivo das roças, à pesca, à coleta de frutas ou à caça na floresta, visando à alimentação ou outras finalidades de uso, evitando desperdício ou agressão à Terra. Como percebemos no trecho abaixo:

O velho pajé pediu aos Mawé que apanhassem um cacho de açaí e dele fizessem o vinho para acompanhar o peixe ou o mingau de crueira. A fruta nutritiva deu força aos indígenas para

retomarem as roças, seus pomares, para fazer suas canoas de pesca (Hakiy, 2019, p. 32).

Outro exemplo de práticas de agricultura familiar indígena é visto em Wapichana (2019, p. 69): "O povo taurepang construiu a sua aldeia na beira de um rio, rodeado por uma floresta. Estava sempre envolvido na atividade de caça, pesca e coleta de frutos".

Dessa maneira, as histórias demonstram os fundamentos da agricultura familiar indígena, que ocorre sem a intenção de acumular riqueza. São práticas coletivas organizadas e compartilhadas por meio de saberes e conhecimentos tradicionais que se caracterizam muito mais pelo manejo dos ecossistemas, ao invés de promoverem transformações drásticas nesses ecossistemas. Como fica evidente nos conteúdos analisados, a diversidade de espécies e de componentes do sistema de produção é a base de sustentação e equilíbrio da produção, no sentido de atender às mais diversas necessidades desses povos.

As unidades de contexto de manejo, uso, sustentabilidade e práticas de conservação são evidentes nas produções literárias e as narrativas mostram a preocupação dos indígenas com a utilização racional dos bens comuns, o que corresponde à conservação e ao bem-estar da coletividade, sem esquecer as gerações que ainda virão (Diegues, 2008). O uso e o manejo da biodiversidade por meio de práticas de conservação garantem a sustentabilidade entre os povos indígenas.

Sustentabilidade refere-se a tudo o que pode ser suportado, conservado e mantido (Siche; Agostinho; Ortega; Romeiro, 2007). Verificamos o uso e o manejo sustentável em *Fabulosas fábulas de lauretê* na descrição da produção de canoas, realizada pelo personagem lauretê-mirim, que pede permissão a um jatobá velho para tirar-lhe a casca, sem precisar derrubar a árvore (Jecupé, 2007). Como ressalta Viveiros de Castro (2002), é nessa rede de vínculos, que postula um cuidado recíproco e uma ética da convivência respeitosa entre todas as formas de vida, que se estabelece a concepção indígena de ambiente. Nas narrativas as plantas, os animais, os rios, as florestas são apresentados como elementos habitados pelos espíritos dos antepassados, portanto, mercedores de todo respeito e cuidado.

Nas narrativas, a preocupação com o desperdício é evidente. Por isso, o alerta para o uso adequado dos bens comuns é dado tanto aos indígenas quanto aos não indígenas, evitando que o ambiente seja impactado de forma desastrosa, com estragos irreversíveis ao planeta.

Na perspectiva dos povos originários, as explicações para os fenômenos naturais e sociais ocorrem por meio de mitos de origens – explicações de mundo (cosmos). A realidade indígena é ampliada, pois relaciona constantemente o real ao sobrenatural (Guesse, 2011). Isso explica porque os mitos e as lendas são gêneros frequentes nas narrativas indígenas. Tolovi (2011) esclarece que o mito surge culturalmente para explicar a origem das coisas. De igual modo, as lendas apresentam a cultura do fantástico e do sobrenatural.

No livro *Nós: uma antologia de literatura indígena*, na narrativa W̱tẖ siburu, peneira de arumã, de Diakara (2019, p. 81): "Um velho indígena juntou as crianças em frente à maloca para contar a história sagrada sobre a origem da Terra". Em *Yahi Puíro Kí't: A origem da constelação da garça*, de Diakara (2011), aborda os Dessana-Wahari Diputiro Porã e revela a explicação que esse povo atribui à origem da Constelação da Garça.

14

Os mitos e lendas nas narrativas têm também o importante papel de sensibilizar a todos para não desperdiçar os bens, como no exemplo, das makukáwas, bichos "visajentos" que não podem ser mortas em excesso por uma só pessoa, porque o caçador é castigado se isso acontecer, por não matar apenas o necessário (Yamã, 2012). Desse modo, mitos e lendas fazem parte da realidade dos povos indígenas com diversas e diferentes perspectivas.

Logo, as explicações dos significados das unidades de contexto mostram a inter-relação dos povos indígenas com o ambiente, dado à conexão com temas ambientais, correspondendo às expectativas da ecocrítica, visto que contribuem para o combate à degradação da diversidade biológica. Diante dessas constatações, realizamos o último passo da análise de conteúdo.

Os resultados obtidos nas fases anteriores foram organizados para transmitir clareza e adequação ao objetivo da pesquisa, de modo que os dados brutos fossem resumidos e categorizados de acordo com o método.

Apesar de não se configurar num processo obrigatório, grande parte dos procedimentos de análise são sistematizados em categorias (Bardin, 2015).

Optamos pela categorização semântica, a partir dos eixos temáticos, estabelecidos nas unidades de contexto (quadro 3), a fim de que os resultados adquiridos fossem explicitados, correspondendo ao reagrupamento dos dados com base em analogias, por intermédio de critérios definidos (Franco, 2018).

Com a definição das categorias de análise, foram realizadas a inferência e a interpretação, transmitindo deduções lógicas, em conformidade com a análise realizada, complementadas por bases teóricas.

As narrativas indígenas valorizam a cultura dos povos originários do Brasil, evidenciando a *identidade cultural* das diversas etnias. Para Bisch (1998), a identidade cultural é formada por um conjunto de características, que podem ser tanto individuais quanto coletivas. Essas características auxiliam o indivíduo na formação da sua identidade, na sua autoconstrução e interação com os outros, sempre buscando ser tratado com respeito e dignidade.

Quadro 3 – Unidades de contexto identificadas, relacionadas às categorias. Lábrea, Amazonas

Nº	Unidades de Contexto	Categorias
1	Tradições, identidade, costumes, crenças, rituais e modos de vida.	Identidade cultural
6	Explicações para fenômenos, explicações pelos mitos de origens, explicações de mundo (cosmos).	
2	Diversidade ecossistêmica, específica e genética.	Sistemas de valores e percepção ambiental
3	Unidades de paisagens: igarapé, rio, lago, praia, mata, cachoeira, nascente, represa.	
4	Agricultura familiar e agricultura familiar indígena.	
5	Manejo, uso, sustentabilidade, práticas de conservação.	

Fonte: dados do estudo.

Inferimos, portanto, que as narrativas indígenas reivindicam reconhecimento, respeito, e valorização da identidade cultural dos povos representados nesses textos. Tais reivindicações são justificadas pelos

estereótipos estabelecidos pelos colonizadores, que uniformizaram e ficcionalizaram os povos originários (Thiél, 2013).

Com o objetivo de acabar com o silenciamento que essas comunidades enfrentam há anos, a literatura indígena é caracterizada pela ênfase à identidade dos povos indígenas (Dorrigo, 2021). Os autores escrevem seus textos, atendendo às suas visões culturais e seus referenciais para mostrarem toda a riqueza de seus povos (Munduruku, 2017). É importante destacar, entretanto, que a oralidade continua funcionando como pilar nas culturas indígenas e, junto aos registros escritos, exercem função crucial na defesa, propagação e conservação da identidade cultural desses povos (Guesse, 2013).

A literatura infantojuvenil indígena evidencia a interdependência dos povos originários com o ambiente, mostrando a sua conexão profunda com a natureza. Esse vínculo garante a sobrevivência e a manutenção da cultura das diversas etnias e o desenvolvimento de suas populações enquanto sociedade (Rodrigues; Santos; Girardon, 2014).

16 Na perspectiva indígena, não existe separação entre pessoas e o que a Terra fornece, tudo é natureza (Krenak, 2020). Essa concepção reflete uma interação motivada pelo respeito e pelo sentimento de pertencimento, numa relação de parentesco e de amizade com o ambiente. É por isso que esses povos utilizam os bens comuns sem destruí-los. Para os povos indígenas, destaca Posey (1992), a floresta vai além de meros recursos naturais, ela simboliza também forças espirituais e cósmicas que moldam a existência.

É por meio da espiritualidade, saber ancestral, memória, modos de vida, costumes, tradições, crenças, experiência prática de convivência com a Terra e demais elementos culturais identitários que se formam as histórias infantojuvenis indígenas.

Ao tratar essa temática pelo pensamento perspectivista, Viveiros de Castro (2025) estrutura uma crítica à dominância da razão instrumental do pensamento ocidental atual e sugere outros modos de interpretar e se relacionar com o mundo, modos esses estabelecidos por princípios de reciprocidade, cuidado, compartilhamento e respeito às múltiplas formas de vida.

Os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas são transmitidos de geração a geração e são incorporados no fazer diário (Munduruku,

2020). Nas narrativas, observamos que esses conhecimentos estão baseados num *sistema de valores e na percepção ambiental* desses povos.

A maneira como os indígenas percebem e lidam com o ambiente corresponde a um conjunto de valores que contribui com o uso da terra de forma coerente, garantindo a conservação e a sustentabilidade, por meio de seus valores intrínsecos, instrumentais e psicológicos, a saber:

Os sistemas de valores determinam como vemos a natureza e estes sistemas podem variar tanto dentro das culturas como entre as mesmas... Valores intrínsecos são aqueles valores da natureza em si, independente da utilidade para os seres humanos. Valores instrumentais baseiam-se na utilidade da natureza para o ser humano. Valores psicológicos são aqueles que contribuem para o bem-estar psicológico do ser humano (Trombulak; Omland, Robison; Lusk; Fleischne; Brown; Domroese, 2004, p. 3).

Encontramos exemplificações desses sistemas de valores nas narrativas, como em *Fabulosas Fábulas de Iauareté*, quando o personagem Juruá, um exímio caçador, é advertido sobre a falta de cuidado com a floresta (Jecupé, 2007). Nesse exemplo, percebemos valores instrumentais, pois revelam a importância dos bens que a floresta proporciona.

Encontramos valores psicológicos em Guará (2012, p. 11): "na época dos plantios, o pajé ia até a mata e pedia permissão para plantar, tratando com respeito sua parenta floresta." Esse valor está relacionado ao bem-estar emocional, espiritual e estético do ser humano (Trombulak; Omland; Robison; Lusk; Fleischne; Brown; Domroese, 2004). Nas duas passagens acima citadas, os autores não apresentam a floresta como uma propriedade humana, mas, sim, de acordo com Kramm (2025), como uma entidade relacional, com a qual é necessário estabelecer vínculos de respeito, reciprocidade e cuidado.

Nesse contexto, Posey (1992), enfatiza que o respeito aos espíritos funciona como proteção para determinadas áreas, o acesso a esses locais não é permitido a todos, somente aos pajés e grupos especiais de caça. Esses espaços transformam-se em reservas protegidas, com rica diversidade biológica, que atraem várias espécies de animais.

Essa realidade é resultante de valores que contribuem diretamente para a conservação e a sustentabilidade da biodiversidade. Com base nesse processo, um sistema é sustentável quando apresenta resiliência e capacidade de adaptação às perturbações, sejam estas biológica, social ou econômica (Martins; Noda; Noda, 2013).

Nessa perspectiva, as epistemologias indígenas que tecem os conteúdos literários, propõem uma construção relacional e integradora em que plantas, animais, ecossistemas, humanos e entes espirituais se interconectam em um mesmo sistema complexo (Descola, 2015). De maneira contrária, acrescenta o autor, as epistemologias ocidentais são marcadas pelo antropocentrismo utilitarista e dualista, que desconecta sujeito, objeto, cultura e natureza, constituindo a origem da crise ecológica da atualidade.

Portanto, as epistemologias indígenas nos auxiliam a compreender que a crise ambiental contemporânea não resulta exclusivamente de práticas econômicas destrutivas, mas também de uma cosmovisão baseada na separação e na dominação. A partir da literatura infantojuvenil indígena podemos promover o tão necessário encontro de saberes e de identidades, em que os conhecimentos distintos de povos e culturas variadas, enfatiza Leff (2009), se encontram e dialogam em busca de um bem comum.

18

Considerações finais

A análise empreendida das inter-relações entre a literatura infantojuvenil indígena e as ciências ambientais evidenciou a ligação dos povos originários com a Terra e o valor do ambiente para essas populações. Em suas narrativas, os autores indígenas escrevem sobre suas culturas e constroem histórias ambientais, contam como vivem, como se relacionam com o ambiente, sobre os cuidados e a conservação da biodiversidade para sobrevivência de seus povos, desvendando seus saberes ambientais.

Embora a temática ambiental não seja o foco principal dessas narrativas, a contribuição dos textos para compreensão sobre a atual crise ambiental é de grande relevância. A análise ecocrítica demonstrou que as narrativas infantojuvenis podem contribuir para uma reflexão crítica sobre aspectos culturais e ambientais, promovendo e apoiando uma educação sob

a ótica da diversidade de saberes, reconhecendo, respeitando e valorizando as diferentes culturas indígenas representadas pela produção escrita, individual ou coletiva.

Diante do exposto, a literatura infantojuvenil indígena se apresenta como um recurso valioso nas reflexões sobre questões ambientais em sala de aula, principalmente quando orientada pela ecocrítica. Ela pode ser inspiradora aos educandos em formação, despertando-os para novas formas de convivência com a humanidade, que valorizem e incentivem posturas mais éticas em relação à diversidade de mundos e de saberes.

Referências

BALÉE, William. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. **Revista de Arqueologia**, 21, n. 2, 9-23, 2008. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/248>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.

BISCH, Patrice Meyer. **Os direitos culturais. Declaração de Friburgo**. Projeto de declaração. (éd.). Paris/Fribourg, Unesco/Edições universitárias, 1998. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRUGIONI, Elena; MELO, Alfredo César. Ecocrítica(s): literatura e colapso ambiental. **Remate de Males**, Campinas, v. 42, n. 2, p. 254-259, 2025. DOI: 10.20396/remate.v42i2.8672928. Acesso em: 7 jan. 2026.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000100015>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Todavia, 2023.

DIAKARA, Jaime. W̃th̃ sibur̃u, peneira de arumã. In: NEGRO, Maurício (org.). **Nós: uma antologia de literatura indígena**. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2019.

DIAKARA, Jaime. **Yahi Puíro Ki'ti** – A origem da constelação da Garça. Jaime Diakara. Manaus: Valer, 2011.

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.15210/tes.v3i1.5620>. Acesso em: 7 jan. 2026.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo. Hucitec Nupaub-USP/CEC, 2008. Disponível em: <https://nupaub.fflch.usp.br>. Acesso em: 4 mar. 2024.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira; SILVA, Viviane Capezuto Ferreira; FIGOLS, Francisca Aida Barboza; ANDRADE, Daniela. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília/São Paulo: MMA/USP, 2000. Disponível em: <http://www.livroaberto.ibict.br>. Acesso em: 9 jul. 2023.

DORRICO, Julie. **A literatura indígena**: a produção autoral contemporânea e seus ensinamentos. Literatura Brasileira no XXI. 2021. Disponível em: <https://www.lbxxi.org.br/arquivos/publicacoes-1048-julie-dorrico.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

20 DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <https://atempa.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Literatura-ind%C3%ADgena-contempor%C3%A2nea-Livro-.pdf>. Acesso em: 5 maio 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction: Literary studies in an age of environmental crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (eds.). **The ecocriticism reader**: landmarks in literary ecology. Athens, Georgia: University of Georgia Press. 1996. Disponível em: <https://jrayuri.files.wordpress.com>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GUARÁ, Roni Wasiry. **Olho d'água**: o caminho dos sonhos. Roni Wasiry Guará; Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Ilustrações Walther Moreira Santos).

GUESSE, Érika Bergamasco. Da oralidade à escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br>>. Acesso em: 22 nov. 2022. (v. 2, n. 2).

GUESSE, Érika Bergamasco. Prática escritural indígena: língua e literatura fortalecendo a identidade e a cultura. **Anais do SILEL**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br> >Acesso em: 25 nov. 2022. (v. 3, n. 1).

HAKIY, Tiago. Hariporia, a origem do açaí. In: NEGRO, Maurício (org.). **Nós**: uma antologia de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos indígenas no Brasil**. Quantos são? 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%C3%A3o%3F Acesso em: 2 abr. 2023.

JECUPÉ, Kaká Werá. **As fabulosas fábulas de Iauaretê**. São Paulo: Peirópolis, 2007.

JECUPÉ, Olívio. **Tekoa**: conhecendo uma aldeia indígena. São Paulo: Global, 2011. (ilustrado por Maurício Negro).

KRAMM, Matthias. A tale of two (and more) models of rights of nature. **Environmental Ethics**, v. 47, n. 2, 2025. doi: 10.5840/enviroethics20252696. Acesso em: 07 jan. 2026.

KRENAK, Ailton. **Ideais para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAJOLO, Marisa. Literatura infantil e juvenil. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 2, p. 309-335, 2011. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.14i2.0007. Acesso em: 11 dez. 2022.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9515>. Acesso em: 8 set. 2025.

MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi; NODA, Sandra do Nascimento; NODA, Hiroshi. Agricultura familiar tradicional no Alto Solimões: uma contribuição à discussão

sobre indicadores de sustentabilidade. In: NODA, Hiroshi; NODA, Sandra do Nascimento; LAQUES, Anne Elisabeth; LÉNA, Philippe. **Dinâmicas socioambientais na agricultura familiar na Amazônia**. Manaus: NERUA/NETNO/WEGA, 2013.

MENDES, Maria do Carmo. No princípio era a natureza: percursos da ecocrítica. **Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, v. 1, p. 91-104. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/anthropocena.3100>. Acesso em: 10 out. 2024.

MIRIM, Werá Jeguaka. **Kunumi guarani**. Werá Jeguaka Mirim. São Paulo: Panda Books, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurucando 1**: sobre saberes e utopias. 2. ed. Lorena, SP: UK'A, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurucando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

NEGRO, Maurício. **Nós**: uma antologia de literatura indígena. NEGRO, Maurício. (org.). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

22 POSEY, Darrell Addison. Interpreting and Applying the "Reality" of Indigenous Concepts: what is necessary to learn from the natives? In: REDFORD, Kenth Howard; PADOCH, Christine (eds.). **Conservation of Neotropical Forests**: working from traditional resource use. New York: Columbia University Press, 1992.

POTIGUARA, Eliane. **A cura da Terra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

RAMOS, Kellyane Lisboa; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite; FRANCO, Zilda Gláucia Elias. A interculturalidade crítica como alternativa para uma educação crítica e decolonial. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, n. 54, p. 1-10, jul./set. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/eccos.n54.17339>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

RODRIGUES, Domingos Benedetti; SANTOS, Denise Tatiane Girardon. A importância do patrimônio cultural dos povos indígenas para a manutenção da biodiversidade e para a viabilidade do desenvolvimento sustentável. **Revista Direito e Desenvolvimento**, João Pessoa, v. 5, n. 9, p. 39-72, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.26843/direitoedesarrollo.v5i9.245>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. A literatura indígena dos Maraguá: da produção à publicação. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 45-58, 2022.

DOI: 10.35499/tl.v16i1.13839. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/tabuleirodeletras/article/view/13839>. Acesso em: 01 nov. 2022.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado** – fundamentos teórico e metodológico da geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2022.

SICHE, Raúl; AGOSTINHO, Feni; ORTEGA, Enrique; ROMEIRO, Ademar. Índices versus Indicadores: precisões conceituais da discussão da sustentabilidade de países. **Ambiente e Sociedade**. Campinas, v. X, n. 2, p.137-148, jul./dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2007000200009>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SOUZA, Bruna Costa Mariano Ferregueti; BARROS, Laura Juliana Neris Machado; MATOS, Maristela Bortolon de. Literatura infantil indígena: práticas pedagógicas de interdisciplinaridade e interculturalidade. **Interfaces da educação**, v. 11, n. 33, p. 266-281. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26514/inter.v11i33.4406>. Acesso em: 07 abr. 2024.

THIÉL, Janice Cristine. A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.org>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

TOLOVI, Carlos Alberto. Mito, religião e organização social. Pensar- **Revista Eletrônica da FAJE**, v. 2 n. 1, p. 118-135, 2011. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

TROMBULAK, Stephen Charles; OMLAND, Kristian Søren; ROBISON, Julie Aberg.; LUSK, Jeffrey James; FLEISCHNER, Thomas Lowe; BROWN, Glenn; DOMROESE, Meg. Principles of Conservation Biology: Recommended Guidelines for Conservation Literacy from the Education Committee of the Society for Conservation Biology. **Conservation Biology**, v. 18, n. 11, p. 80-90, 2004. Disponível em: <https://conbio.org/images/content_prof_dev/conservation_literacy_english.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira, Londrina: EDUEL, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS de Castro, Eduardo Batalha. **The Relative Native**: Essays on Indigenous Conceptual Worlds. Chicago: The University of Chicago Press / HAU, 2025.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Um saber necessário**: os estudos rurais no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

WAPICHANA, Cristino. Watô, a pedra do fogo. In: NEGRO, Maurício (org.). **Nós**: uma antologia de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Um curumim, uma canoa**. Rio de Janeiro: Zite, 2012.

Prof.ª Ms.ª Sheila Sicsú Cardoso

Instituto Federal de Educação, Ciência Tecnologia do Amazonas (Brasil)

Desenvolvimento regional e meio ambiente no médio Purus

Orcid id: <https://orcid.org/0009-0008-0806-8647>

E-mail: sheilacardoso@ifam.edu.br

Prof.ª Dr.ª Lúcia Helena Pinheiro Martins

Universidade Federal do Amazonas (Brasil)

Núcleo de Etnoecologia na Amazônia Brasileira (NETNO)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-0424-1939>

E-mail: luciamartins@ufam.edu.br

Prof. Dr. Ayrton Luiz Urizzi Martins

Universidade Federal do Amazonas (Brasil)

Núcleo de Etnoecologia na Amazônia Brasileira (NETNO)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-9275-8745>

E-mail: ayrton@ufam.edu.br

Recebido em 22 set. 2025

Aceito em 7 jan. 2025

